



Biograph



A ENTREVISTA NARRATIVA COMO TÉCNICA DE COLETA DE DADOS: CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS PARA UMA PESQUISA DE MESTRADO EM ANDAMENTO.

Anco Marcos Silva de Menezes
Universidade de Brasília-UnB
anco.menezes@yahoo.com.br

Notas introdutórias

Tendo o intuito inicial de investigar os processos de ensino e aprendizagem de um professor de contrabaixo elétrico da Escola de Música de Brasília é que se deu início à busca de preceitos teórico-metodológicos que auxiliassem no direcionamento da pesquisa de mestrado em andamento.

Neste processo de busca encontrou-se na teoria da prática de Pierre Bourdieu, mais especificamente nos conceitos de *habitus* e campo social, a instrumentalização que se desejava, passando-se a perceber, tanto nas leituras que serão apresentadas no decorrer deste trabalho quanto em leituras feitas em decorrência da investigação em questão, um possível diálogo com os preceitos apresentados por Schütze em sua teoria da pesquisa autobiográfica. Tais preceitos serão de suma importância para a estrutura metodológica deste processo de investigação, uma vez que pretende-se, por meio de entrevistas *narrativas*, realizar a coleta de dados que serão analisados segundo a perspectiva de Bourdieu.

Desta forma, a investigação da referida pesquisa passa a propor a análise dos dispositivos socialmente inculcados pelo professor da Escola de Música de Brasília, Oswaldo Amorim, ao longo de sua trajetória de vida, entendendo tais dispositivos como parte de um sistema complexo de disposições práticas de conduta e esquemas de percepção e classificação, que constituem seu *habitus*, da forma como propõe Bourdieu. Pretendendo-se, até o momento, compreender como tais dispositivos sociais delineiam as formas de pensar e agir em relação aos processos de ensino e aprendizagem musical do professor em questão.

Dito isto, pretende-se neste trabalho traçar um paralelo entre uma entrevista semi-estruturada e os preceitos das entrevistas narrativas propostas por Fritz Schütze, com o intuito de apresentar as diferenças teórico-metodológicas encontradas entre estas, até o presente momento neste processo de investigação, visando pontuar a que melhor tem se adequado a tal processo.

Entrevista realizada sob a perspectiva de entrevista *semiestruturada*

A entrevista semiestruturada que será utilizada como parâmetro neste trabalho foi realizada na segunda metade de 2015, como exercício final da disciplina “*Etnografia em Música*”, do Mestrado Música em Contexto da Universidade de Brasília.

Objetivando-se fazer uma apresentação e uma análise um pouco mais profunda da entrevista semiestruturada esboçada acima é que são apresentados aqui os preceitos abarcados em Manzini (2004) e Boni e Quaresma (2005), sendo estas as obras que foram utilizadas como referência para a construção da entrevista em questão.

A utilização de um “roteiro previamente elaborado” e a constatação de possíveis incoerências entre este tipo de entrevista e os objetivos da pesquisa de mestrado em andamento foram aspectos extraídos e percebidos na obra de Manzini (2004) que se propõe a analisar “roteiros de jovens pesquisadores” e “verificar os objetivos pretendidos para a pesquisa” de tais pesquisadores.

Paralelamente a esta, a leitura da obra de Boni e Quaresma (2005), permitiu o entendimento de que o roteiro inerente à entrevista semiestruturada deve ser elaborado levando-se em consideração a tipificação de duas modalidades de perguntas, podendo estas serem abertas, ou seja, ocorrendo “dentro de uma conversação informal”, não ficando claro na obra referenciada se tais perguntas seriam elaboradas previamente ou não, ou fechadas, comumente realizadas em entrevistas estruturadas sendo tais perguntas “previamente formuladas” devendo o entrevistador ter o cuidado para “não fugir a elas”.

Levando-se em consideração este caráter informal e a relativa flexibilidade que a modalidade de entrevista semi-estruturada dá ao entrevistador, elaborou-se o roteiro para a realização desta primeira entrevista, sendo este constituído pelas seguintes perguntas fechadas: “Como você construiu, durante a sua trajetória, esse jeito de dar aula e essa forma de lidar com os alunos?”, “Como você pensa e prepara as aulas e como isto é passado para os alunos?”. E no decorrer da entrevista, foram elaboradas as seguintes perguntas abertas: “Sobre esses materiais que você mencionou que você traz... Que materiais seriam estes?” e “... se a gente pensar num plano de curso geral como é que a parte do baixo é pensada, refletida, por quem é feita? Vocês se reúnem para isso? Como este plano se relaciona com o currículo geral?”.

Desta forma, buscando-se respeitar as características inerentes a este tipo de entrevista que se constituiu com a estruturação prévia de um roteiro emoldurado com perguntas delineadas por um objetivo previamente escolhido pelo entrevistador (ver Manzini 2004), que neste caso foi o de extrair a concepção de ensino e aprendizagem de um professor de contrabaixo elétrico, é que enceta-se a tentativa de se observar, colocando-se tais características lado a lado com aspectos inerentes aos processos e ações, referentes a quem irá entrevistar, as diferenças que distinguirão a entrevista semiestruturada do tipo de entrevista proposta por Schütze denominada como *entrevista narrativa*, tendo em vista que ambas também possuem semelhanças entre si.

Alguns preceitos da pesquisa autobiográfica para a realização de entrevistas narrativas

As entrevistas *narrativas* foram inicialmente apresentadas pelo sociólogo alemão Fritz Schütze como parte de sua teoria da pesquisa autobiográfica, sendo

atualmente os preceitos inerentes a estas, discutidos e utilizados por pesquisadores das mais diversas áreas de conhecimento ao redor do mundo.

A primeira característica desta modalidade de entrevista schützediana está no fato desta propor, a meu ver, quase que uma atitude passiva por parte do entrevistador para assim entender o conteúdo trazido na(s) fala(s) do entrevistado, segundo a ótica e os objetivos do próprio entrevistado, uma vez que as perguntas que estruturam um suposto roteiro não possuem um caráter interrogativo e sim dão a entender que o que o entrevistador faz é solicitar, ou pedir, que o entrevistado conte sua história de vida ou determinada fase desta história (ver Weller e Pfaff, 2013: 212).

A segunda característica é a denominada coda narrativa que possui um cunho linguístico-interpretativo que permite, e até certo ponto exige, que o entrevistador encontre, na(s) fala(s) do entrevistado, os pontos que indicam um término ou um “corte” nas lembranças que estavam sendo contadas, sendo esta, segundo meu entender, uma característica que demanda, além de um grau de conhecimento do idioma que o entrevistado utiliza para narração, um certo preparo, no que diz respeito a capacidade de abstração, interpretação e percepção, por parte do entrevistador-pesquisador.

Diante disto, mesmo que ainda estando-se num processo inicial de apropriação dos preceitos da teoria da pesquisa autobiográfica schützediana, é que emerge a necessidade de se observar a existência de pontos de convergência e divergência entre a entrevista realizada com a perspectiva de entrevista *semiestruturada* e os pressupostos das entrevistas *narrativas*.

Pontos de convergência e divergência entre uma entrevista *semiestruturada* e preceitos da pesquisa autobiográfica para a realização de entrevistas *narrativas*.

A mais relevante convergência, para a pesquisa de mestrado em andamento, tem relação direta com a atitude do entrevistador, devendo este, na entrevista semiestruturada, “(...) *ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha ‘fugido’ ao tema ou tenha dificuldades com ele.*” (ver Boni e Queresma, 2005: 75, grifos meus), ou seja, tanto neste tipo de entrevista quanto na modalidade proposta por Schütze, o entrevistador tem a liberdade para “dirigir a discussão” e a oportunidade de fazer “perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante [fuja] ao tema ou tenha dificuldades com ele” (grifos meus), porém, neste mesmo ponto de convergência entre estas modalidades de entrevistas, encontrou-se um ponto de divergência que acaba por diferenciá-las. Esta divergência também tem relação direta com a atitude do entrevistador uma vez que, na modalidade das entrevistas narrativas, na “medida em que o objeto da narrativa seja efetivamente a história de vida do informante e transcorrendo compreensível de forma que o ouvinte possa segui-la, não deverá ser interrompida pelo pesquisador-entrevistador”, sendo que somente “após a indicação de uma coda narrativa (...) o pesquisador-entrevistador começa com suas perguntas” (ver Weller e Pfaff, 2013: 212), trazendo à tona aqui a *passividade*, brevemente mencionada anteriormente, e a relação análoga a de um ator coadjuvante que o entrevistador passa a ter, na tentativa de se respeitar os preceitos deste último tipo de entrevista, perante o entrevistado.

A proposta de se fazer uma analogia entre entrevistador/entrevistado e protagonista/coadjuvante ocorre com o simples intuito de auxiliar no esclarecimento da forma com que o entrevistador se porta, ou deveria se portar, diante de quem será entrevistado, sendo enxergado, no comportamento do entrevistador, o principal fator de diferenciação entre estas duas modalidades de entrevistas, uma vez que na modalidade de entrevista semiestruturada associa-se o entrevistador com um protagonista cênico, pelo fato deste ter autonomia de intervenção durante todo o processo de entrevista, o que o deixa em evidência, fazendo com que os demais atores coadjuvantes trabalhem em prol do papel designado a ele. Em contrapartida, na modalidade proposta por Fritz Schütze, e demais pesquisadores que discorrem sobre a pesquisa autobiográfica, em decorrência de uma não interferência durante o processo de entrevista é que passa-se a perceber a possibilidade de se associar o entrevistador com o ator coadjuvante e não mais com o protagonista, passando-se para o entrevistado o desígnio de atuação nesta função, sendo assim direcionado para este último, o trabalho e esforço dos demais atores coadjuvantes presentes nesta cena, que é todo o processo de entrevista.

É diante desta analogia que expõe-se às perguntas fechadas que foram feitas durante a entrevista semiestruturada em questão e exemplos de perguntas realizadas durante processos de entrevistas narrativas, para que se possa observar o como essa diferença de atitude do entrevistador, mencionada acima, passa a existir desde o processo de elaboração das perguntas a serem feitas num processo de entrevista. Para isto, apresentam-se novamente, porém agora em destaque, as perguntas elaboradas como parte do roteiro da entrevista semiestruturada realizada:

- Como você construiu, durante a sua trajetória, esse jeito de dar aula e essa forma de lidar com os alunos?
- Como você pensa e prepara as aulas e como isto é passado para os alunos?

Observando-se as duas perguntas é possível perceber a existência de núcleos verbais objetivos que agem como delimitadores das respostas a advirem do entrevistado. Os termos “jeito de dar aula” e “essa forma de lidar com os alunos”, na primeira pergunta, juntamente com “pensa e prepara as aulas” e “é passado para os alunos”, na segunda, agem como núcleos verbais que acabam por colocar o entrevistado na função de coadjuvante uma vez que este irá trabalhar em prol de tais núcleos, dispendendo tempo de reflexão e elaboração para respostas que deverão atender as necessidades de quem está entrevistando, daí a relação entrevistador/protagonista neste tipo de entrevista.

Por sua vez, quando em Weller e Pfaff (2013: 231) menciona-se que num processo de entrevista narrativa “a pesquisadora solicitou que a informante contasse sua história de vida, explicitando principalmente sua militância” e em Germano (2009: 2) apresenta-se o exemplo da questão gerativa de uma entrevista narrativa em que a entrevistadora introduz tal questão dizendo estar “pesquisando histórias de vida de jovens da cidade de Fortaleza” e que gostaria de conhecer o entrevistado melhor, pedindo para que ele “conte a sua história do modo que achar conveniente”, podendo “levar o tempo que quiser”, além de poder “começar e terminar [...] como desejar”,

percebe-se¹, na utilização dos verbos “solicitar” e “pedir”, aqui empregados como uma ação do entrevistador, e do verbo “contar”, sendo esta uma ação esperada do entrevistado, uma mudança de papéis, uma vez que com o emprego de tais verbos o entrevistador deixa de ser alguém que interroga e passa a ser alguém que solicita e pede algo a alguém, construindo-se assim, a partir desta reflexão, a relação entrevistador/coadjuvante que vai trabalhar em prol de tudo o que é contado pelo entrevistado, passando a este o papel de protagonista na cena da entrevista.

Esta reflexão acaba por ser estendida a todo o processo de ambos os tipos de entrevista, uma vez que para a entrevista semiestruturada realizada o entrevistador propôs perguntas abertas, que foram elaboradas no decorrer da entrevista, que foram:

- “Sobre esses materiais que você mencionou que você traz... Que materiais seriam estes?”
- “... se a gente pensar num plano de curso geral como é que a parte do baixo é pensada, refletida, por quem é feita? Vocês se reúnem para isso? Como este plano se relaciona com o currículo geral?”

Encontrando-se mais uma vez núcleos verbais, como “que materiais seriam estes”, “parte do baixo é pensada, refletida, por quem é feita?”, “vocês se reúnem”, “plano se relaciona com o currículo geral?”, que, além da liberdade dada ao entrevistador para interromper a entrevista no momento que achar oportuno, continuam por mantê-lo como o protagonista cênico na entrevista semiestruturada, sendo perceptível, neste caso, talvez por falta de preparo e domínio deste tipo de entrevista, uma má elaboração de tais perguntas abertas, fato que possivelmente pode gerar uma série de ambiguidades para quem irá ler tal entrevista, inclusive para o próprio pesquisador responsável por ela. Em contrapartida, ao se propor que o entrevistado é quem indica o momento certo para o entrevistador fazer perguntas no decorrer de uma entrevista narrativa, fato que se dá por meio da percepção que este último deve ter das denominadas “codas narrativas”, podendo estas ocorrer na utilização de termos como “Então, era isso: não muito, mas mesmo assim...” (ver Weller e Pfaff, 2013: 212), continua-se, neste que supostamente seria um próximo passo numa entrevista narrativa, a manter o entrevistado como protagonista e o entrevistador como coadjuvante no cenário deste tipo de entrevista.

Desta forma, esta analogia permite o entendimento que a primeira divergência percebida entre estes tipos de entrevista encontra-se na intenção, ou intenções, do entrevistador para com o conteúdo das respostas que surgirão por parte do entrevistado, sendo que na modalidade de semiestruturada o entrevistador parece ter um papel de “*ator principal*” na cena da entrevista, enquanto que na proposta schützediana, o papel dado a ele subentende-se ser a de “coadjuvante”, sendo o entrevistado o “*protagonista*” da cena. Ou seja, no primeiro caso o entrevistador toma para si uma série de objetivos, previamente determinados segundo sua própria ótica, a serem encontrados na(s) fala(s) do entrevistado, provocando quase que uma comprovação do que ele pretendia encontrar, enquanto que na proposta schützediana pressupõe-se que, por meio de uma atitude passiva, o entrevistador passa a entender o conteúdo trazido na(s) fala(s) do entrevistado, segundo a ótica e os objetivos do próprio entrevistado.

¹ Mesmo com o excesso de cuidado que a entrevistadora parece ter na elaboração da “questão gerativa”, apresentada acima, o que demonstra certo receio em não sair do que é proposto pela teoria schützediana, talvez por falta de domínio dos preceitos estruturantes desta.

O motivo pelo qual isto é dito desta forma engendra-se na percepção de que o objetivo principal e norteador tanto do roteiro quanto, conseqüentemente, das perguntas demonstradas acima, tinham em seu cerne a tentativa de extrair da fala do entrevistado a sua forma ou concepção de ensino e aprendizagem musical, buscando de forma mais enfática tudo o que pudesse estar relacionado ao desenvolvimento de habilidades para se tocar um instrumento, sendo ainda mais específico, para se tocar o contrabaixo elétrico. E é neste ponto que, em contato com leituras inerentes ao campo da sociologia, passa-se a perceber uma gama de possibilidades apresentadas pela proposta schuzediana, no que diz respeito à abrangência e complexidade de informações que poderão ser trazidas pelo entrevistado, além destas possivelmente viabilizarem uma análise mais profunda no que será investigado na pesquisa de mestrado em andamento.

Além desta, têm-se observado a existência outra divergência, entre estes tipos de entrevista, que tem passado a ter um cunho fulcral na decisão a ser tomada em decorrência do tipo de entrevista que será utilizada como parte da estrutura da metodologia para se coletar os dados que serão objetos de análise de tal pesquisa.

Esta divergência passou a ser enxergada quando em Boni e Quaresma (2005: 75) é dito que a “principal vantagem da entrevista aberta e também da semi-estruturada é que essas duas técnicas quase sempre produzem uma melhor amostra da população de interesse”. Considerando-se esta colocação e respeitando-se a constatação de que “a maioria dos participantes apresentou objetivos que não poderiam ser alcançados por meio de uma entrevista” (ver Manzini 2004), sendo que tal trabalho discorre sobre a análise de roteiros de entrevistas semiestruturadas e sobre a “adequação dos objetivos pretendidos para [uma] pesquisa” (grifos meus), passa-se a refletir que a entrevista narrativa seja uma opção mais certa a se fazer quando o objetivo de uma pesquisa se dá em torno da investigação da vida de um único indivíduo, não existindo desta forma uma população de interesse a ser investigada.

Além disso, tendo em vista que as informações coletadas de um entrevistado normalmente são o objeto de estudo a ser analisado em investigações científicas, passa-se a pensar, novamente em contextos cênicos, que em alguns casos o ator coadjuvante pode executar tão bem o seu trabalho a ponto de se tornar quase ou tão importante quanto o protagonista. Trazendo-se tal fenômeno para a perspectiva das entrevistas apresentadas neste trabalho, levando-se em consideração que a pesquisa de mestrado em andamento pretende investigar a vida de um único indivíduo, observa-se que na entrevista semiestruturada o entrevistado, que a meu ver possui o bem mais valioso de uma entrevista, e conseqüentemente de uma pesquisa, que é a informação que será coletada e analisada por um pesquisador, atua no cenário da entrevista semelhantemente a um coadjuvante que pode se tornar, ou não, quase ou tão importante quanto o protagonista de tal cenário, que é o entrevistador. Neste ponto, percebe-se a existência de um paradoxo que passa a existir no momento em que se dá ao entrevistado o papel de ator coadjuvante no processo da entrevista, uma vez que é ele quem fornecerá as informações que serão o objeto a ser estudado em determinada pesquisa, ou seja, ele é o ator mais importante, porém possui o papel de ator coadjuvante. Pensa-se aqui que tal paradoxo deixaria de existir no momento em que o papel de protagonista seja coerentemente dado ao ator mais importante na cena da entrevista, mesmo que haja em tal cena um coadjuvante tão bom quanto ele.

É diante desta perspectiva que passa-se a ter um olhar de flerte para as entrevistas narrativas, uma vez que estas viabilizam a quebra de tal paradoxo ao colocarem o entrevistado como protagonista, além de viabilizar que o entrevistador enquanto ator coadjuvante na cena de entrevista, possa obter, ao se fazer um trabalho

muito bem feito, um reconhecimento tão grande quanto ao que é dado ao entrevistado e a sua fala.

É nessa direção que se passa a apresentar o objetivo da pesquisa em questão.

Investigação de uma pesquisa de mestrado em andamento

Ao ter como objetivo apresentar as “vantagens e desvantagens” de “várias formas de entrevistas científicas”, a obra de Boni e Quaresma (2005: 73 e 76) apresenta um esboço do que seria uma entrevista do tipo “história de vida”, dispondo também de um tópico que apresenta colocações sob a ótica do sociólogo francês Pierre Bourdieu, sendo este subtítulo como “Sugestões de Bourdieu para a realização de entrevistas científicas”. Este tópico tem suma importância, juntamente com o aprofundamento na busca e leitura de obras que discorrem sobre as ideias de Bourdieu, na percepção de que este autor, em determinadas pesquisas que realizou, utilizou-se de preceitos da teoria da pesquisa autobiográfica, para a elaboração do procedimento de coleta de dados destas, gerando-se conseqüentemente, e ainda de forma inicial, tanto a apropriação bibliográfica da obra de autores que discorrem sobre a autobiografia quanto da teoria da prática bourdieusiana.

Desta forma, tendo em vista que para a investigação da pesquisa em andamento, que visa analisar os dispositivos socialmente inculcados pelo professor da Escola de Música de Brasília, Oswaldo Amorim, ao longo de sua trajetória de vida, e que passaram a constituir seu *habitus*, pretendendo-se compreender como tais dispositivos sociais delineiam as formas de pensar e agir em relação aos processos de ensino e aprendizagem musical do professor em questão, sendo tanto o conceito de *habitus* quanto o de campo social, conceitos apresentados na teoria da prática do sociólogo francês mencionado acima e que serão utilizados como referencial teórico para a análise das informações conseguidas na fase de coleta de dados, é que passou-se a refletir na possibilidade de se utilizar, como parte desta fase, os preceitos da entrevista narrativa de Fritz Schütze, sabendo-se que a posição bourdieusiana não rejeita completamente “o material das histórias de vida”, mas sugere “o abandono do foco em biografias” para “estabelecer a ênfase em ‘trajetórias’”, ou seja, trajetórias biográficas (ver Santos, 2012).

Considerações finais

Pretendeu-se neste artigo, além de esboçar parte do processo de uma investigação de mestrado em andamento, apresentar apontamentos, na tentativa de demonstrar pontos de convergência e divergência entre dois tipos de entrevistas e, sem que haja a intenção de se julgar um melhor em detrimento do outro, analisar e constatar o que melhor se adequará a parte metodológica da investigação acadêmica em questão.

Referências bibliográficas

BONI, Valdeni; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: *como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 2, n. 1, p. 68-80, janeiro-julho, 2005.

GERMANO, Idilva M. P. Aplicações e implicações do método biográfico de Fritz Schütze em Psicologia Social. Grupos de trabalho do XV Encontro Nacional da Abrapso, 2009.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: *análise de objetivos e de roteiros*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru: USC, 2004. CD-ROOM. ISBN: 85-98623-01-6. 10p.

SANTOS, Hermílio. Ação, Relevância e interpretação subjetiva. Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE, v. 1, n. 18, 2012.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (Orgs.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação – Teoria e Prática*. Editora Vozes, 2013. p. 210-238.